



DEUSA VIVA

Uma publicação do **Círculo de Mulheres da Teia de Thea**
Lua Cheia, Janeiro de 2013, nº 161



ISHTAR, DEUSA CELESTE DA BABILÔNIA

“Criadora de todas as coisas, Protetora de todas as criaturas, Grande Mãe, que trouxe a vida pela Lei do amor e do caos criou a harmonia, ouça a minha prece, faça-me compreender o meu destino, perdoe as minhas falhas e sustente-me nas provações!”

 Mirella Faur

“Senhora e Deusa, Rainha das cidades, Luz do mundo e do céu,

Mãe com ventre abundante, Fonte de luz cujo poder é eterno,

Senhora do céu e da Terra, Criadora e Protetora, Que recebe nossas súplicas, ouve nossas preces e rege nossos destinos;

Do Seu lado direito fica a justiça, do esquerdo a bondade

Do Seu Ser emana vida e bem estar, no Seu olhar brilha a compaixão,

Peço que olhe para mim e aceite minhas preces

Pois é Seu o Poder, a Magnificência, a Sabedoria, a Força Que guiam e sustentam as mulheres que chamam o Seu sagrado nome”.

Preces gravadas em tabletes de argila encontradas em escavações na Babilônia.



Ishtar (também grafado como Istar) é o nome de uma das mais importantes deusas da mitologia mesopotâmica, regente do amor, da fecundidade, dos nascimentos, dos combates e da cura. Ann-Déborah Lévy assim a descreve: "O caráter da deusa babilônica Istar resulta da fusão de duas divindades mais antigas: Inanna, Deusa-Terra e Deusa-Mãe sumeriana, e Istar, de quem ela conservou o nome, a deusa semítica dos combates e da estrela da manhã".

As origens da deusa Ishtar se estendem a um período antediluviano, sendo mencionada na "Epopéia de Gilgamesh", suposto rei mortal que governou a cidade-estado de Uruk, logo após o período pré-histórico, mais precisamente em algum período do primeiro século do 21º milênio a.C. A "Epopéia de Gilgamesh" é o primeiro registro humano conhecido, esculpido em tábuas de argila, encontradas nas escavações arqueológicas junto aos restos do palácio de Nínive.

Amplamente cultuada e conhecida com vários nomes em diferentes países, Ishtar era uma das manifestações da Grande Mãe do Oriente, a Magna Dea. Ao longo dos rios Tigres e Eufrates os povos semitas reverenciaram durante milênios a Criadora da Vida com inúmeros hinos que louvavam Sua força, poder e sabedoria. As preces a Ela direcionadas foram gravadas sobre tabletes de pedra, com caracteres cuneiformes escritas nas várias línguas semitas: acadiana, canaãense, hebraica, aramaica e árabe, originárias de Líbano, Israel e Síria (o antigo Levante) e o atual Iraque (a antiga Mesopotâmia), entre os quais se estendia o deserto sírio.

A reverência à Deusa conhecida como Astarte, Ashtoreth, Atargatis, Asherah, Anath, Shapash começou no Levante, enquanto o culto de Mami, Aruru e Ishtar era da Mesopotâmia. O mais antigo templo de Ishtar encontrava-se próximo às ruínas da antiga cultura neolítica de Çatal Hüyük na Anatólia, datado de 5000 anos a.C. Por ser seu mito, simbolismo, histórias, costumes e rituais semelhantes aos da deusa suméria Inanna, acredita-se que o culto de Ishtar seja a continuação do culto sumério. Porém, independentemente da sua origem – Anatólia, Suméria, Levante – Ishtar tornou-se uma deusa muito popular, reverenciada pelos semitas da Mesopotâmia central, onde floresceu a cidade de Babilônia, repleta de ricos e belos templos, dos quais se sobressaía o da deusa Ishtar. Os acádios e, posteriormente, os assírio-babilônios, consideravam Ishtar e a deusa suméria Inanna como personificações do planeta Vênus, herança mitológica da história dos povos sumérios e acádios. Mais tarde, os gregos denominaram o arquétipo desta deusa de Afrodite e Hera, os romanos de Vênus, enquanto que para os egípcios ela era venerada como Ísis ou Hathor.

A mitologia em torno de Inanna-Ishtar é extremamente complexa, devido ao sincretismo dos panteões sumério e acádio. O berço da civilização da Mesopotâmia foi a planície de Sumer, habitada desde o quarto milênio a.C. pelos sumérios, inventores da escrita cuneiforme; possuidores de uma opulenta e próspera civilização, que despertou a cobiça dos acadianos, tribos semitas do deserto de Síria, foram por eles conquistados. No entanto, apesar de serem dominados, os sumérios conseguiram manter e impor sua cultura e religião aos semitas.

Aspectos ambíguos de Ishtar

Ishtar possuía características ambíguas, ao mesmo tempo personificava a força criadora e também a destruição da vida, sendo representada pelos ciclos da vegetação e as fases lunares. Como deusa do amor e da fertilidade, ela propiciava a reprodução e abundância vegetal, animal e humana; como deusa da guerra e da morte personificava a Mãe Natureza que dá e tira a vida, que se vingava da ignorância e destruição humanas nas épocas de inundações e tempestades, derrubando montanhas e muros das cidades.

Inúmeros eram Seus títulos (similares aos de Inanna) e nas escrituras da Babilônia era chamada de: Luz do mundo, Condutora das hostes celestes, A que abre o ventre, Juíza imparcial, Doadora da força, A que dá as leis, Senhora da Vitória, Mãe que perdoa, Mãe divina, Estrela matutina (seu aspecto guerreiro) e vespertina (sua face sedutora), Mãe dos Deuses, A Brilhante, Criadora da Vida, Guardiã das Leis e da Ordem, Luz do Céu, Senhora da Luta e da Vitória, Produtora de



Sementes, Senhora das Montanhas, Rainha da Terra, Criadora de tudo, Senhora do céu e da Terra, Protetora da humanidade, Regente da sabedoria celeste, Guardiã da lei e da ordem, Rainha das terras, Pastora dos campos, Senhora do tempo e dos ciclos, Possuidora das tábuas dos registros das vidas, Fonte das profecias.

Muitos destes títulos, bem como preces babilônicas

direcionadas para Ishtar, foram usados depois pelos profetas hebraicos e atribuídos para o Deus do Velho Testamento; as frases das invocações e as metáforas da Deusa foram copiadas sem modificações pelos rabinos. Várias preces foram adaptadas depois pelos cristãos para Maria, junto com algumas das Suas imagens (a Lua crescente) e histórias (o filho que morre e ressuscita). Porém, várias fontes antigas comprovam que Ishtar era a mesma Grande Deusa cultuada no Oriente próximo como Dea Síria, Atar, Astarte, Ashtoreth, Anath, Asherah, Mari e difamada na Bíblia como a Grande Prostituta Vermelha da Babilônia, a padroeira das cortesãs e das prostitutas.

As sacerdotisas chamadas Ishtaritu ou Qadishtu representavam personificações de Qadeshet - a "Rainha celeste" da Palestina – e de Inanna e Ishtar, que eram honradas como rainhas e admiradas pela sua sabedoria e conhecimento, sendo possuidoras de poderes de cura adquiridos através dos rituais de amor. Elas serviam nos templos como emissárias destas deusas, conduzindo os homens a se conectar com Elas ou para curar males e aflições. Um antigo costume recomendava que cada mulher da Babilônia servisse como sacerdotisa do amor uma vez na vida, costume continuado na Grécia helênica, nos templos da Afrodite, e em Roma, no templo de Vênus e Juno Sospita.

As Ishtaritu atuavam como veículos da deusa Ishtar, proporcionando aos homens uma experiência extática, que lhes abria os canais para receberem a energia divina em um ato de amor, partilhando com eles o dom da sexualidade sagrada. Durante este ritual sacro elas lhes ensinavam esta invocação: "Reverenciai Ishtar, a suprema Deusa, Rainha das mulheres. O Seu corpo é vestido de amor e prazer, Sua essência é de ardor, encanto e voluptuosa alegria, Seus lábios são doces como mel, Sua boca dá a vida. Sua proximidade proporciona plenitude e a felicidade atinge o auge

quando Ela se faz presente, pois Ela é gloriosa, poderosa, exaltada, esplêndida e respeitada por todos os deuses, que A reverenciam e perante Ela se inclinam, chamando-A de Rainha". As cortesãs, Ishtaritu, hierodulas ou vestais (difamadas e chamadas de prostitutas dos templos) eram consideradas "virgens", não no sentido físico, mas por permanecerem solteiras, assim como também eram as deusas Ishtar, Anath, Asherah, Mari, que eram cultuadas como Qadesha, a Grande Virgem ou Hierodula Celeste. O casamento sagrado (hierogamos) era a encenação da fertilidade da vida humana, animal, vegetal, em que homens e mulheres participavam em ritos de sexo sagrado, rituais dos processos de vida e regeneração, abençoados pela Deusa e realizados nos Seus templos. Devido à importância dos ritos sexuais nas culturas pagãs, o cristianismo difamou seus simbolismos sagrados, equiparando-os ao pecado, à promiscuidade, lascívia e imoralidade.

Como personificação da força criadora e destruidora da vida, Ishtar representava as fases da Lua: a crescente e a cheia favoreciam o desenvolvimento e a expansão, enquanto a minguante e a negra enfraqueciam e finalizavam os ciclos anteriores. Como Deusa da fertilidade, ela dava o poder de reprodução e crescimento aos campos, aos animais e aos seres humanos. Ishtar foi venerada também como Deusa do Amor, que teria descido do planeta Vênus, acompanhada de seu séquito de sacerdotisas Ishtaritu, Suas mulheres sagradas, que depois foram viver nas margens dos rios Tigre e Eufrates e ensinaram aos homens a sublime arte do êxtase: sensorial e espiritual.



Como Rainha do Céu Ishtar era a regente das estrelas, pois ela mesma tinha vindo de uma estrela, que brilhava no amanhecer e no entardecer e era o ponto central de seu culto. As constelações zodiacais eram conhecidas pelos antigos como o "cinto de Ishtar" e acreditava-se que ela percorria o céu todas as noites em uma carruagem puxada por leões, controlando o movimento dos astros e as mudanças do tempo.

As representações de Ishtar a mostram de várias formas: a mãe que segura os seios fartos, a virgem guerreira, a insinuante sedutora, a sábia conselheira, a juíza imparcial. Nas terras semitas, Ishtar era descrita de diversas maneiras: como soberana coroada com chifres ou portando uma tiara encimada por um cone (a representação da montanha sagrada), segurando uma espada, um cetro envolto por serpentes ou os chifres de um touro. Como guerreira ela tinha asas ou flechas saindo dos seus ombros, era armada com arco e flecha e pisava sobre um leão. Em outras imagens aparecia carregada numa carruagem puxada por sete leões, sentada no seu trono decorado com leões, voando nas asas de um grande pássaro, em pé segurando seus seios ou elevando o ramo sagrado. Podia aparecer sozinha ou acompanhada por dragões, cercada por suas sacerdotisas que formavam uma estrela de oito pontas ao seu redor. Como detentora do "Cinto de Ishtar (ou Inanna)" a Deusa aparecia cercada por um círculo de estrelas ou o próprio zodíaco, às vezes sendo identificada com Sirius, a estrela mais brilhante, associada ou regendo as constelações de Virgem e Escorpião.

As mensagens da Deusa transmitidas pelas sacerdotisas oraculares

As imagens e a natureza de Ishtar foram influenciadas pelas crenças religiosas de Anatólia e integradas com o culto da deusa suméria Inanna, substituindo-o depois em Erech, no Golfo Persa. Junto com as fontes de Suméria, Anatólia e Egito, as evidências do culto da Deusa entre os povos semitas constituem um dos mais antigos registros escritos; este culto matrifocal antecedeu os períodos bíblicos e foi adotado depois pelos hebreus, muçulmanos e cristãos. Os babilônios preservaram a mitologia, linguagem, literatura e as práticas religiosas dos sumérios, traduzindo todo o acervo para a sua língua acadiana e transmitindo a cultura suméria para Anatólia, Assíria, Canaã, durante pelo menos dois milênios, após a conquista da Suméria pelos povos de Assíria. Nos templos de Assur, Arbela, Kalah e Nineveh as sacerdotisas de Inanna e Ishtar serviam como oráculos, respondendo questões de vida, morte, doenças e diversos tipos de problemas maiores ou menores. Os nomes destas sacerdotisas oraculares ficaram gravados nos antigos registros dos templos, mantendo assim viva a memória das mulheres que serviam aos seus povos transmitindo mensagens da

Deusa. Nas noites de lua cheia - Shapatu - assim como nas de lua nova - as mulheres da Babilônia, Suméria, Anatólia, Mesopotâmia e Levante levavam oferendas de velas, flores, perfumes, mel e vinho para os templos das Deusas, cantavam-lhe hinos, dançavam em sua homenagem e invocavam suas bênçãos para suas vidas, famílias e comunidades. Nos altares de Ishtar tinha yonis de lápis lazúli e estrelas ou rosáceas de ouro de oito pontas, oito sendo o número do ano sagrado, quando era reconciliado o tempo lunar e solar, a lua cheia coincidindo com o dia mais longo ou mais curto do ano.

Ishtar tinha alguns rituais de caráter sexual, uma vez que era a deusa da fertilidade e do amor, mas outros rituais incluíam libações, orações e oferendas materiais. Um ritual importante ocorria no equinócio da primavera, quando os participantes pintavam e decoravam ovos (símbolo da fertilidade) e os escondiam ou enterravam em tocas nos campos para propiciar a fertilidade da terra. Um resquício por trás desse antigo ritual talvez seja o costume dos ovos de Páscoa, embora não exista uma prova concreta associando os dois rituais. De qualquer forma, em muitas culturas o ovo é considerado um símbolo de fertilidade.

De todos os mitos de Ishtar, um dos mais relevantes é a sua descida para o mundo dos mortos, em busca do seu amado Tammuz, ferido mortalmente por um javali. Tammuz tinha recebido o cajado de pastor da Deusa, sendo escolhido como seu parceiro para o rito de hierogamos, o casamento sagrado, celebrado durante o festival de Akitu. Assim como Inanna, Ishtar passa por sete portais do submundo, em que é despida pelos guardiões das suas insígnias reais, joias e vestes; cada objeto representa um dos seus sete atributos: beleza, amor, saúde, fertilidade, poder, magia e domínio sobre as estações do ano. No final, ela aparece nua na frente de Alatu, a "Senhora do submundo" e fulminada pelo seu olhar mortífero, permanece em estado de letargia durante três dias de escuridão, frio e anulação. Enquanto a Deusa está presa no mundo subterrâneo, a vida fenece sobre a terra, os rios se esvaem, a vegetação seca e a reprodução animal, vegetal e humana cessa. Comovidos pelo sofrimento dos homens e de toda a natureza, os deuses se reúnem e enviam um mensageiro que resgata a deusa da sua provação no mundo subterrâneo. Quando Ishtar ressurgue dos abismos, a vida renasce na terra, os campos se cobrem de relva verde e nos rios volta a correr água abundante. Depois deste teste de desapego, Ishtar recupera seu poder e sua glória como "Rainha do céu e da Terra" e traz de volta seu amado Tammuz. A morte de Tammuz era comemorada com o nascer de Sirius junto do Sol, no final das colheitas, quando os raios solares queimavam o deus verde da vegetação e sua morte era chorada pelas mulheres que

tocavam flautas, címbalos e tambores, em luto solidário com a dor de Ishtar.

Este mito é semelhante ao de outras deusas como Inanna e o seu consorte Damuzzi, Ísis e Osíris, Anat e Baal, Afrodite e Adônis. As deusas do Oriente próximo tinham além dos atributos de fertilidade e de amor, o dever de proteção do seu povo como deusas guerreiras, guardiãs das leis e da liderança. Os Seus consortes chamados de "Filhos fieis" ou "Senhores verdes, pastores do povo" eram associados à vegetação, às colheitas e à fecundidade dos rebanhos de gado, cabras e ovelhas.

A simbologia dos sete véus de Ishtar

A dança dos sete véus é associada ao mito de Ishtar, tendo sido um dos mais belos e misteriosos ritos antigos, realizados em homenagem aos mortos. A sacerdotisa oferecia a dança para a Deusa, que nela existia e que lhe dava a beleza, o poder de sedução e a força. Durante a dança, ela retirava todos os adereços do seu corpo, além dos sete véus, para simbolizar sua entrada no mundo dos mortos, sem nenhum apego aos bens materiais, em analogia a Ishtar. Com o passar do tempo, os sete portais passaram a simbolizar os sete planetas antigos (representados na dança como as qualidades e defeitos que influenciam o temperamento das pessoas), as sete cores do arco-íris e os sete chacras (pontos energéticos do corpo humano). A dança passou a ser realizada não mais por sacerdotisas, mas por bailarinas, que se limitavam a retirar os véus, o véu representando aquilo que ocultamos dos outros e de nós mesmas. A retirada e o cair de cada véu simboliza a queda das vendas, abertura da visão interior, descoberta da verdade, desapego, fortalecimento e transformação interior e o despertar da consciência rumo à evolução espiritual.



A ideia de purificação e renovação descrita pelo mito de Ishtar pode também ser associada à dissolução da couraça psicológica e física, segundo Reich. Essa couraça possui uma estrutura com sete segmentos de

armadura, compostos por músculos e órgãos relacionados. A retirada de cada véu representaria a dissolução das couraças, representadas pelos seguintes órgãos: olhos, boca, pescoço, tórax, diafragma, abdômen e pélvis e seu benefício seria o amadurecimento e crescimento psicológico. Ao observar os ornamentos da deusa, podemos visualizar que muitos estão sob estes órgãos, além do fato que eles ainda possuem uma relação muito próxima aos usados hoje na dança oriental árabe: os brincos das orelhas, os colares, os porta-seios de metal precioso, a cinta composta de amuletos feitos com “pedras do parto”, os braceletes, usados também nos artelhos, as “vestes de pudor”. Fato curioso é que a deusa usa uma cinta composta de amuletos feitos com “pedras do parto”, representando assim a fertilidade do ventre (o abdômen e a pélvis). Hoje em dia, as verdadeiras dançarinas da alma, principalmente as que inspiram nas culturas oriundas do antigo Oriente médio, são as que praticam a dança do ventre tradicional.

Cada cor do véu correspondia a um planeta e um chacra, cuja correspondência tradicional é descrita a seguir. O véu amarelo representa o Sol, elimina o orgulho e a vaidade excessiva, trazendo a alegria, esperança e confiança. O véu laranja representa Júpiter, que dissolve o impulso dominador e dá vazão ao sentimento de proteção e ajuda ao próximo. O vermelho representa Marte, significando a vitória do amor cósmico, o domínio da agressividade e a paixão. Lilás representa Saturno, mostrando a dissolução do excesso de rigor e seriedade, a conquista da consciência plena e o desenvolvimento da percepção sutil. Azul representa Vênus, revelando que a dificuldade de expressão foi superada, em prol do bom relacionamento com os entes queridos. Verde representa Mercúrio, mostrando a divisão e a indecisão sendo vencidas pelo equilíbrio entre os opostos. E, por fim, o branco representa a Lua; a queda deste último véu mostra a imaginação transformada em pensamento criativo e pureza interior.

Muitos paralelos costumam ser traçados entre a Deusa Ishtar e suas sucessoras em outras culturas mais recentes, como Afrodite, a deusa grega da beleza e da paixão carnal, a romana Vênus ou a nórdica Freyja. No entanto, apesar das qualidades demonstradas por Afrodite e Vênus serem o amor e a beleza, Ishtar apresenta um lado mais sombrio - semelhante à nórdica Freyja - e mais condizente com a realidade lunar e telúrica feminina. Ela era a Rainha do céu, e como Deusa do amor e da guerra, era uma personagem ambígua, portanto de caráter mais humano. Dotada desta ambiguidade, Ishtar era sem dúvida uma Deusa bela e terrível. Sua beleza fica clara em um hino composto em 1600 a.C.: *“Reverenciai a Rainha das mulheres, a maior entre todos os Deuses; o amor e o deleite revestem seu corpo; ela esta cheia de ardor, encanto e voluptuosa alegria; seus lábios são doces, sua boca é a vida, a felicidade atinge seu auge quando ela*

esta presente. Que visão gloriosa: os véus coloridos cobrindo seu rosto, suas graciosas formas, seus olhos cheios de brilho”. Esta é a radiante deusa do amor em sua primeira aparição a Gilgamesh, mas ela logo se transforma e assume uma face mais familiar, o da “Senhora das dores e das batalhas”. É a este seu caráter que lhe foi dirigido um hino da Babilônia: *“Oh, estrela da lamentação, que fizeste com que os irmãos na paz se ponham em luta uns contra os outros e, no entanto, inspirai uma amizade leal e perseverante. Oh, poderosa, senhora das batalhas, que derrubai as montanhas.”*

O aspecto escuro de Ishtar surgia quando ela descia ao mundo subterrâneo e uma época de terrível depressão e desespero caía sobre a terra. Na sua ausência, nada podia ser concebido, nenhum ser podia procriar, a natureza inteira mergulhava na inércia e inação, chorando por sua volta. Era então chamada de “Mãe Terrível, Deusa da Tempestade e da Guerra, Destruidora da vida, Senhora dos Terrores Noturnos e dos Medos”. Porém, era nessa manifestação que ela podia ensinar os mistérios, revelar as coisas ocultas, propiciar presságios e sonhos, permitir o uso da magia, o alcance da sabedoria e a compreensão dos ciclos da vida e da natureza. Ishtar era representada como uma deusa jovem, bela e impulsiva, de temperamento contraditório: honesta e trapaceira, alegre e chorosa, que ateava o fogo e o apagava. Da literatura cuneiforme dos acádios e sumérios emergiram diversas imagens de Inanna-Ishtar: ora como deusa do amor e da sexualidade, ora como deusa da guerra, da chuva e do trovão e, mais tarde, a própria Rainha do Universo.

Em uma análise mais aprofundada, podemos compreender como se encaixa o arquétipo desta bela e terrível deusa na psique dos seres humanos, traçando-se um paralelo com a existência física de certas mulheres. O caráter de Ishtar sintetiza a complexidade da natureza venusiana, sendo a personificação do princípio feminino, seja o da natureza Yin, seja o da anima. Em suas formas variadas e mutantes, Ishtar desempenha as múltiplas possibilidades da essência feminina: a beleza da dança, o encanto da sensualidade, o poder hipnótico e de sedução, a capacidade de desapego e transformação, a revelação dos mistérios, o uso da magia e o alcance da sabedoria. Ishtar é alegria, conexão, paixão, entusiasmo e força, um exemplo da guerreira que mantém sua posição e luta pelos seus valores com integridade, sem se ver como uma vítima. Ela representa a força e o encantamento da existência sob a forma feminina, e, para tanto é autocentrada, autodefinida e independente, como resume este trecho de um hino babilônio a Ishtar: *“Rainha das determinações divinas, luz radiante, mulher doadora da vida, amada do céu e da terra, tu és a Deusa Suprema.”*



Egito: encontrada estátua da Deusa Sekhmet com 1,80 m de altura

As autoridades egípcias descobriram uma estátua de granito da deusa Sekhmet, datada da época do faraó Amenhotep III (1390-1352 a . C.), na cidade de Luxor, a cerca de 700 quilômetros ao sul do Cairo.

O Ministério de Estado para as Antiguidades anunciou este mês que a estátua foi encontrada dentro do templo da deusa Mut, ao sul do famoso santuário de Karnak.

A descoberta ocorreu durante os trabalhos de restauração do templo de Mut, que ainda não foi aberto ao público.

A estátua, que mede 180 centímetros de altura, representa a deusa Sekhmet, que tem corpo humano e um sol e uma cobra em cima de sua cabeça.

Além disso, a figura leva em uma mão uma flor e na outra a chamada chave da vida, símbolo comum entre os faraós.

Texto e foto: Agência EFE



As Matriarcas das 13 Lunações*

Nesta Edição do Deusa Viva trazemos a canção “Verdadeiro Encontro”, de Mônica Fonseca**, dedicada à Matriarca da Primeira Lunação: *Aquela que fala com todos os seres, também chamada de Mãe guardiã das necessidades da Terra.*



* Para saber mais sobre a Lenda das 13 Matriarcas, consulte o Anuário da Grande Mãe de Mirella Faur.
** O CD “Treze Luas” pode ser adquirido na entrada dos rituais da Teia de Thea, na UNIPAZ, ou com a própria artista pelo telefone (61) 9602.7126.

Verdadeiro Encontro

Verdade, verdade
Com a verdade do meu coração
Vejo outras verdades

Em cada verdadeiro encontro
Aprendo muitas verdades
A verdade de todos
A verdade de cada ser

Cada coração é um templo
Cada qual com seu ritmo
Cada qual, uma canção

Amo a canção de cada coração
Aprendo mais sobre mim
O que cada ser me ensina
Me ajuda, me faz crescer

Verdade, verdade
Com a verdade do meu coração
Vejo outras verdades

Está no coração a chave
Do amor por todas verdades
Está o ensinamento
De como sobre a Terra caminhar

Formigas: Pragas ou Aliadas?

Se há uma pergunta recorrente na Jardinagem Agroflorestal, essa pergunta é: "Como acabo com as formigas cortadeiras?".

As formigas cortadeiras são geralmente consideradas as pragas mais terríveis e de difícil combate com a qual podemos nos deparar no jardim. Ai que raiva que dá quando, de um dia para o outro, desaparece aquela muda que plantamos com tanto carinho. Como nos sentimos impotentes diante da velocidade com que são capazes de destruir nosso plantio! Perguntam-me sempre como fazer para eliminá-las. O desejo é que sejam extintas. A presença de um formigueiro é, em geral, vista como algo ruim e indesejado. Os mais esclarecidos me perguntam como acabar com elas de forma ecológica...desde que sumam dali. "Será que é tão grave assim eu usar iscas?" ... "só um pouquinho".

O problema do uso de venenos para combater as formigas cortadeiras ou qualquer outra "praga" que surja no nosso jardim agroflorestal não é somente o risco de contaminação do ambiente. Essa é somente uma das consequências possíveis. O estrago maior que realizamos quando utilizamos esses produtos é que eliminamos um ser que não está ali por acaso. Está ali para realizar uma tarefa. E quase sempre uma tarefa importante e que tem como objetivo aumentar a quantidade de vida e promover o equilíbrio do nosso sistema. Aquele ser geralmente está ali para nos mostrar algo. E toda vez que simplesmente utilizamos um veneno para eliminar uma "praga" do nosso jardim, estamos perdendo a oportunidade de aprender um pouco mais sobre a natureza e seus mecanismos, sobre as estratégias que a vida utiliza para se perpetuar no planeta, sobre como podemos agir para nos tornarmos cada vez mais íntimos da natureza. Porque, afinal, um jardim agroflorestal não é um conjunto de objetos de decoração, não é apenas um cenário para nossa casa. Um jardim agroflorestal é muito mais do que isso. É uma maneira de nos tornarmos parte do ciclo da vida, parte do sistema vivo planetário.

Diferentemente do que a maior parte das pessoas acredita, as formigas cortadeiras não se alimentam das folhas que cortam. As folhas que cortam são utilizadas por elas no cultivo dos fungos dos quais elas se alimentam. As formigas são jardineiras, assim como



nós. As iscas normalmente utilizadas para eliminar as formigas são tóxicas para esses fungos. Com a morte dos fungos, o formigueiro entra em colapso.

Apesar de só vermos o que existe acima do solo, abaixo dele, sob nosso jardim, existe um mundo. Um mundo cheio de vida. Um mundo capaz de acumular grande quantidade de carbono sob a forma de matéria orgânica. É a matéria orgânica que deixa nosso solo negro, fofo e cheiroso e que deixa a terra nutritiva para nossas plantas. Um jardim agroflorestal bem cuidado é tão rico e diversificado abaixo quanto acima do nível do solo. Raízes se entremeiam com camadas sobrepostas de seres vivos, túneis feitos por bichos diversos, ninhos de insetos, larvas... e formigueiros. Dentro desses formigueiros, grande quantidade de carbono é fixado com o acúmulo de folhas e fungos.

Que plantas as formigas cortam para fazer esse serviço? Elas cortam qualquer planta indiscriminadamente? Observe. Que plantas elas preferem? As formigas cortam plantas saudáveis que já estão firmemente instaladas no seu jardim? Ou preferem as mudinhas que acabamos de plantar, recém chegadas? Preferem folhas velhas ou novas? Em que tipo de situação? Em que época do ano? Elas devoram todas as folhas ou selecionam algum tipo específico? Em que altura da planta elas atuam?

Observei, em meu quintal agroflorestal, as formigas cortadeiras atuando em diferentes situações. Uma

delas, muito comum, é quando planto uma mudinha de alguma espécie exótica e exigente como a roseira, a laranjeira ou a hortênsia. Elas percebem que o solo ainda não está fértil o suficiente para essas plantas. Ou também, quando planto mudinhas de espécies que são de pleno sol (emergentes) na sombra. As formigas, sabendo que plantei no lugar errado, vão lá consertar o meu erro tirando a mudinha dali! Já me aconteceu também da formiga tirar uma roseira (que é emergente) de um lugar onde havia sol, mas que, com o crescimento das árvores que plantei por ali, tornou-se lugar de sombra. O lugar deixou de ser adequado para a roseira, apesar de ter acumulado mais vida. Também já vi formigas fazendo uma faxina geral ao redor da goiabeira, cortando e levando frutos caídos no chão. Maravilha! Nesse caso, achei bom, porque, afinal de contas, goiabas apodrecendo no chão atraem as mosquinhas das frutas... Certa vez, as formigas me mostraram que eu havia feito uma poda totalmente errada em um pessegueiro. Tanto a época do ano quanto a fase da lua tinham sido inadequados. A formiga foi lá e cortou todos os brotos e folhas novas. Outra vez, a formiga estava cortando, lentamente, as folhas velhas de um hibisco. Dei uma poda geral e caprichada, observando bem a arquitetura da planta e altura com relação às vizinhas. Resultado: o hibisco rebrotou lindo e vigoroso graças à dica das formigas sobre a necessidade da poda. Em cada uma dessas situações, aprendi algo novo sobre como cuidar melhor do quintal, sobre a melhor época de podar, sobre onde e quando plantar o quê.

É por isso que eu não me preocupo em eliminar os formigueiros do meu jardim. Há vários. E fico feliz ao saber que estão acumulando matéria orgânica no solo. Basta olhar para o quintal e perceber seu vigor e exuberância para saber que elas não estão nos causando mal algum.

Mas o que fazer quando há uma planta que desejamos muito muito e que a formiga não nos deixa de jeito nenhum cultivar? Roseiras, por exemplo. As formigas são implacáveis com as roseiras. Ahhh... há que se trabalhar o solo e prepará-lo para receber plantas tão exigentes assim. Há que se ter paciência. Isso, às vezes, exige tempo. De que adianta acelerar as coisas, colocar veneno, matar os formigueiros, empobrecer o lugar, somente para satisfazer meu desejo de ter rosas no jardim? Há que se desapegar, às vezes, de desejos assim... Há tantas outras flores lindas, coloridas e cheirosas mais adaptadas ao meu lugar. Hei de ser capaz de esperar o tempo das roseiras... ou, às vezes, simplesmente desistir delas e esquecer o assunto.

Maria,

Mais um dia chega ao seu final e os últimos raios de sol vêm iluminar seu coração, que revisita o dia. O ocaso se intensifica numa festa de cores, reflexos da gratidão que brota do âmago de uma infinidade de criaturas, produzindo uma festa para os olhos de quem se presta olhar para o céu. Pois a jornada diária, cheia de armadilhas e ilusões, é poderosa na captura da atenção dos mais desatentos. Como consequência, um olhar sempre direcionado para baixo, como se no asfalto também se encontrassem estrelas.

Deito o meu manto sobre você, que se aninha, confiante. É noite, filha, início de outra viagem! No início, um sono sem sonhos vem reparar seu cansaço. Mas a madrugada traz a magia da experiência onírica, retalhos dos quais você vagamente se lembrará, entre a fumaça do café da manhã. Cuide com carinho desse tesouro, Maria. Zele com atenção dessas lembranças e revise-as com seu discernimento banhado em confiança. À despeito de toda ignorância que visa denegrir esse tesouro, o mundo dos sonhos é portal disponível para uma jornada criativa de inegável valor e há que cruzá-lo sem medo.

Enquanto estrelas enfeitam o firmamento, encontre o brilho da sua intuição nas dobras de seus sonhos, mergulhe nos símbolos, desate mensagens. Tudo está ao alcance de seu entendimento, gota por gota, no compasso de sua capacidade de compreensão.

Tenha uma noite tranquila, minha menina. Traga para seu dia a sua sacola de imagens, ainda que a princípio não façam tanto sentido. E observe, revise, releia, busque a compreensão com a certeza de encontrá-la. Afinal, sempre seguirá na sua companhia uma fração daquele brilho que à noite eu espalhei.

Em indizível beleza e luz,

Aquele que é.

